

Capítulo 5

Uma entrevista desastrosa

Com as dúvidas dos fiéis sempre a aumentar, em 26 de Outubro de 2001 – poucas semanas depois do ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001 – “rebentou” a história do Terceiro Segredo, como dizem os jornalistas. O serviço noticioso *Inside the Vatican* (além de vários jornais italianos) publicou um artigo intitulado: “O Segredo de Fátima: Há mais para vir?” Dizia o artigo: “Soube-se agora que a Irmã Lúcia dos Santos, a última vidente de Fátima sobrevivente, enviou há algumas semanas ao Papa João Paulo II uma carta, alegadamente a avisá-lo que a sua vida corre perigo. Segundo fontes do Vaticano, a carta, que afirma que os acontecimentos de que fala o ‘Terceiro Segredo’ de Fátima ainda não ocorreram, foi entregue algum tempo depois de 11 de Setembro a João Paulo pelo bispo emérito de Fátima, Alberto Cosme do Amaral”.

Quando o interrogaram sobre a carta, o Bispo de Fátima da altura, D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, “*não negou que a Irmã Lúcia tinha enviado uma carta ao Papa, mas disse [fazendo uma distinção muito precisa] que ‘não há cartas da vidente que exprimam receio pela vida do Papa’*”. *Inside the Vatican* revelou ainda que “Algumas fontes sugeriram também que a carta da Irmã Lúcia exorta o Papa a revelar totalmente o Terceiro Segredo”, e que a carta da Irmã Lúcia ao Papa “contém, diz-se, este aviso: ‘Cedo haverá grande tumulto e castigo.’”

O artigo de *Inside the Vatican* acrescentava que um sacerdote diocesano italiano, o Padre Luigi Bianchi, “diz ter-se encontrado na semana passada com a Irmã Lúcia dos Santos no seu convento carmelita de clausura, em Coimbra, Portugal”. Fazendo eco das suspeitas da Madre Angélica e de Católicos por toda a parte, o Padre Bianchi “especulou sobre a possibilidade de o Vaticano não ter revelado a totalidade do segredo, para evitar criar pânico e ansiedade na população; para não assustar.”

Sobre a “interpretação” do Segredo pelo Cardeal Sodano, como uma profecia do atentado de 1981 contra a vida do Papa João Paulo II, disse o Padre Bianchi: “A mensagem não fala apenas

de um atentado contra o Pontífice, mas fala de um 'Bispo vestido de branco' que caminha por entre ruínas e cadáveres de homens e mulheres assassinados [...] Isto quer dizer que o Papa terá de sofrer muito, que algumas nações desaparecerão, que muitas pessoas morrerão, que devemos defender o Ocidente para não ser islamizado. Isto é o que está a acontecer nestes dias."

Inside the Vatican teve o cuidado de sublinhar que a Irmã Lúcia "não está autorizada a falar com ninguém que não tenha recebido licença prévia do Vaticano..." Por esta razão, a revista rematou o artigo dizendo que "não é imediatamente claro se Bianchi recebeu esta aprovação, dispensou a sua necessidade, ou não chegou a encontrar-se com a Irmã Lúcia, ao contrário do que afirma." Mas ninguém negou alguma vez, nem sequer a própria Irmã Lúcia, que o encontro com o Padre Bianchi teve lugar.

O facto de pelo menos algumas das fontes de *Inside the Vatican* estarem dentro da própria Cúria foi sugerido pela resposta do Cardeal Ratzinger a estes acontecimentos. A revista citou-o como tendo dito que os "rumores recentes de uma carta não são mais do que a continuação de 'uma velha polémica alimentada por certas pessoas de credibilidade duvidosa,' com o objectivo de 'desestabilizar o equilíbrio interno da Cúria Romana e de perturbar o Povo de Deus.'" Note-se, porém, que o Cardeal Ratzinger também não negou a existência da carta da Irmã Lúcia ao Papa.

O comentário do Cardeal Ratzinger foi uma janela sobre o efeito que a polémica "fatimista" estava a ter nos espíritos abertos dentro do Vaticano. Como é que pessoas de "credibilidade duvidosa" podiam desestabilizar "o equilíbrio interno da Cúria Romana"? Se a sua credibilidade era mesmo duvidosa, a Cúria Romana não seria desestabilizada por alguma coisa que dissessem. E, afinal, quem eram estas pessoas de "credibilidade duvidosa"? *Inside the Vatican* sugeriu que o Cardeal Ratzinger poderia estar a referir-se ao Padre Nicholas Gruner. Mas onde estavam as provas de que o Padre Gruner era de "credibilidade duvidosa", e não uma verdadeira fonte de informações fidedignas sobre o assunto, muitas das quais o próprio Socci tinha estudado para chegar às conclusões a que chegou? E que dizer de René Laurentin? E da Madre Angélica? do Padre Bianchi? E do próprio *Inside the Vatican*, cujo editor estava sujeito ao aparelho de Estado do Vaticano, como o próprio nome da sua revista sugere? E de milhões de outros Católicos que já estavam a considerar bem fundada a suspeita de que o Vaticano não tinha sido completamente sincero ao declarar que as profecias da Mensagem

de Fátima, incluindo o Terceiro Segredo, “pertencem ao passado,” e que o aviso de um grande castigo da Igreja e do mundo já não é coisa que nos interesse? Algum Católico acredita seriamente nisso, vendo o estado em que se encontra o mundo hoje?

Os Católicos de todo o mundo continuam a perguntar o que aconteceu às palavras que se seguiam à profunda declaração inicial da Santíssima Virgem: “Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé etc.” Porque é que os colaboradores da *Mensagem* evitaram esta frase, suprimindo-a da Mensagem de Fátima e reduzindo-a a uma nota de rodapé? O que aconteceu às palavras da Santíssima Virgem?

Que espécie de entrevista é esta?

Perante estas e outras perguntas que se recusavam a cair no esquecimento, o Arcebispo Bertone teve outra “conversa” não gravada com a Irmã Lúcia – como a de 27 de Abril de 2000, em que Lúcia tinha alegadamente negado ter alguma vez ouvido falar da “ordem expressa de Nossa Senhora”, como escrevera no envelope contendo o Segredo. Esta segunda “conversa” teve lugar em 17 de Novembro de 2001, mas passou mais de um mês até ser revelada. Em 21 de Dezembro de 2001, o *L’Osservatore Romano* publicou um breve comunicado de Bertone sobre a entrevista, intitulado “Encontro de S. Ex^a Monsenhor Tarcisio Bertone com a Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado.” Seguiu-se a ele uma tradução na edição inglesa de *L’Osservatore Romano*.¹⁷²

Diz o comunicado que a alegada entrevista foi feita na presença do próprio Bertone e do “Rev. Luís Kondor, SVD, Vice-Postulador da causa do Beato Francisco e da Beata Jacinta, e a Priora do Convento das Carmelitas de Santa Teresa”. Ou seja, a Irmã Lúcia foi interrogada quando estava rodeada de pessoas de autoridade. Mas não foi apresentada uma transcrição, gravação áudio ou gravação vídeo da sessão de duas horas, e nem o Padre Kondor nem a Priora deram fé do que foi alegadamente dito pela vidente. Embora o comunicado diga que Bertone e a Irmã Lúcia conversaram durante “mais de duas horas”, Bertone só apresentou o seu sumário da alegada conversa, com apenas umas palavras atribuídas à própria Lúcia.

¹⁷² Cf. “Incontro di S. E. Mons. Tarcisio Bertone con Suor Maria Lucia de Jesus e do Coração Imaculado”, *L’Osservatore Romano* (edição italiana), 21 de Dezembro de 2001, p. 4; e “Archbishop Bertone met Sr. Maria Lucia: Convent of Coimbra, Portugal, 17 November 2001”, *L’Osservatore Romano* (edição inglesa), 9 de Janeiro de 2002, p. 7.

A Irmã Lúcia “concorda” em que é uma impostora?

O comunicado imediatamente atacou a sua própria credibilidade com a seguinte asserção: “Continuando a discutir o problema da terceira parte do segredo de Fátima, ela [a Irmã Lúcia] diz que leu atentamente e meditou o folheto publicado pela Congregação para a Doutrina da Fé [isto é, a *Mensagem*], e confirma *tudo* o que ele diz.” Para um observador razoavelmente céptico, esta declaração era forte demais para ser aceite. Quando um funcionário do Vaticano, independentemente do seu cargo, sai de um mosteiro de clausura e declara que uma freira de 94 anos, ali residente, “confirma tudo” de um documento de 44 páginas de que ele foi co-autor (a *Mensagem*), as pessoas razoáveis têm o direito de esperar um pouco mais como corroboração – especialmente quando, como vimos no capítulo anterior, o mesmo documento sugere discretamente que a freira em questão podia, mais ou menos, ter inventado uma fábula piedosa. Só por isto, estaríamos justificados em suspeitar que a última entrevista secreta da Irmã Lúcia era mais uma tentativa de manipular uma testemunha cativa e obediente, que não tinha ainda sido autorizada a falar livremente aos fiéis pelas suas palavras não censuradas.

De que falaram Bertone e a Irmã Lúcia durante mais de duas horas, considerando que o comunicado inteiro – a maior parte do qual não reproduzia *nenhumas* palavras atribuídas à vidente – podia ser lido em voz alta em cerca de três minutos? Para dar uma ideia comparativa, uma comunicação de uma hora feita à velocidade normal da fala precisaria de umas 14 páginas dactilografadas a um espaço para a sua transcrição; uma comunicação de duas horas precisaria de cerca de 28 páginas, ou aproximadamente 14.000 palavras. Mas o comunicado de Bertone sobre uma alegada entrevista de duas horas com a vidente dava *apenas 463 palavras* como tendo supostamente vindo da sua boca, a maior parte das quais não tinha nada a ver com o assunto em questão.¹⁷³ E estas 463 palavras incluíam *uma citação verbatim de 165 palavras* do comentário teológico do Cardeal Ratzinger, que é evidente que a Irmã Lúcia não tinha recitado de memória durante a alegada “conversa” com Bertone. Ora estas 165 palavras são apresentadas como se tivessem sido ditas pela Irmã Lúcia, o que indica que a alegada “conversa” foi antes um documento de

¹⁷³ Esta exposição segue a tradução inglesa do comunicado, fornecida pelo *Serviço de Informação do Vaticano*, e a publicada na edição inglesa de *L'Osservatore Romano* de 9 de Janeiro de 2002, corrigida quando se notaram erros na tradução do italiano.

tesoura e cola, arquitectado para chegar a uma conclusão pré-determinada.

Duas horas – nove palavras!

Mas então, e o assunto escaldante que supostamente levou esta missão especial a Coimbra para se avistar com a Irmã Lúcia: ou seja, as dúvidas que tinham sido levantadas sobre se o Vaticano tinha revelado o Terceiro Segredo completo? É espantoso, mas de mais de duas horas de alegada conversa com a Irmã Lúcia, o comunicado de Bertone cita apenas um total de *nove palavras* sobre o assunto, que são as seguintes: “Tudo já foi publicado; não há mais nenhuns segredos.”

A pergunta que alegadamente originou esta resposta não foi incluída. Em vez disso, o comunicado de Bertone declarou: “Para os que imaginam que alguma parte do Segredo ficou oculta, ela respondeu:...” – seguem-se as nove palavras já citadas. Ela respondeu a quê? *Exactamente* a que é que a Irmã Lúcia respondeu sobre a revelação do Terceiro Segredo feita pelo Vaticano? Qual era o contexto em que se fez a pergunta e se obteve a resposta? E porque é que não fizeram à Irmã Lúcia aquela pergunta que milhões de pessoas em todo o mundo queriam fazer: *Onde estão as palavras de Nossa Senhora* que se seguiam à frase “Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé etc.”? Note-se que aqui, precisamente no centro da questão, não vemos que tivessem feito à Irmã Lúcia uma pergunta precisa que fosse, tal como:

- Quais são as palavras de Nossa Senhora que se seguem à frase “Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé etc.”?
- A Santíssima Virgem explicou alguma vez, por suas próprias palavras, a visão do “Bispo vestido de branco”?
- O Terceiro Segredo inclui um texto separado em que a Santíssima Virgem explica a visão, e, na afirmativa, onde está esse texto?
- Como se compreendem as declarações de numerosas testemunhas (incluindo o Bispo de Leiria-Fátima e o Cardeal Ottaviani) em como o Terceiro Segredo estava escrito numa só folha de papel, compreendendo 25 linhas, e não nas quatro folhas em que a visão estava escrita, ocupando 62 linhas?

Todos estes pormenores foram cuidadosamente evitados. Nem sequer nos deram as palavras da única pergunta que *foi* feita.

Estas omissões não podiam ser mais significativas. Recordemos a resposta evasiva, mas muito reveladora, de Bertone a uma pergunta sobre o “etc” durante a conferência de imprensa de Junho de 2000: “É difícil dizer se [o “etc”] se refere à segunda ou à terceira parte do segredo... parece-me que se refere à segunda.”¹⁷⁴ Portanto, Bertone estava bem a par do problema do “etc” na altura da “entrevista” de Novembro de 2001, mas, mesmo assim, não perguntou à Irmã Lúcia se o “etc” se referia à terceira ou à segunda parte do Grande Segredo, tendo ele uma oportunidade única para resolver a questão exacta em que os “Fatimistas” se tinham concentrado com tanto sucesso. Ora, se Bertone questionou a Irmã Lúcia sobre este assunto, esqueceu-se de nos transmitir a resposta. Este comportamento estranho só é compreensível se houvesse alguma coisa a esconder.

Consideremos também que as nove palavras que Bertone citou, alegadamente ditas durante uma conversa não gravada e à porta fechada em Novembro de 2001, foram literalmente *as últimas palavras que a “Irmã Lúcia” foi autorizada a dizer sobre este assunto antes do seu falecimento*. Sublinhou o *Catholic World News*: “Além desta declaração, que foi transmitida pelo Vaticano em Dezembro de 2001, a Irmã Lúcia manteve o silêncio público até à sua morte em Fevereiro de 2005.”¹⁷⁵ Como se explica a continuação do “silenciamento inexplicável” da Irmã Lúcia, mesmo *depois* de o Terceiro Segredo ter sido totalmente revelado, a acreditar em Bertone? Se não havia nada a esconder, se “Tudo já foi publicado; não há mais nenhuns segredos,” porque é que a Irmã Lúcia não tinha a liberdade de falar depois de 26 de Junho de 2000?

Lúcia “confirma” a “interpretação” de Sodano?

São atribuídas à Irmã Lúcia mais 14 palavras, referentes à “interpretação” do Cardeal Sodano da visão como predizendo a tentativa de assassinio de 1981. As alegadas pergunta e resposta são as seguintes:

“É verdade que, falando ao Rev. Luigi Bianchi e ao Rev. José dos Santos Valinho, duvidou da interpretação da terceira parte do ‘segredo’?”

¹⁷⁴ Citado em Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 89.

¹⁷⁵ “Fatima Secrets Fully Disclosed, Cardinal Bertone Insists,” *Catholic World News*, 14 de Maio de 2007, em <http://www.cwnews.com/news/viewstory.cfm?recnum=51121>, em inglês.

A Irmã Lúcia respondeu: “Isso não é verdade. Eu confirmo inteiramente a interpretação feita no Ano do Jubileu [2000].”

Não se pode esperar que os fiéis acreditem que Lúcia tivesse “confirmado” livre e espontaneamente a declaração da *Mensagem* em como a visão publicada em 2000 “lembra imagens, que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé”¹⁷⁶ – por outras palavras, que a Irmã Lúcia tivesse “confirmado” que inventou a visão na sua cabeça. Nem era razoável acreditar que Lúcia tivesse “confirmado” que a visão se refere à tentativa de assassinio de 1981, quando a sua carta, supostamente enviada ao Papa em 12 de Maio de 1982, publicada na *Mensagem*, destrói a “interpretação” de Sodano, ao não dizer *nada* sobre o atentado, *um ano depois de ter acontecido*, mas antes avisando que “*não vemos ainda*, como facto consumado, o final desta profecia.”

Mas mesmo que aceitemos, só para tema de argumentação, que Lúcia disse a frase, suspeitosamente legalista, “confirmo inteiramente” durante a alegada entrevista, não conhecemos o contexto em que foi feita a pergunta relevante e dada a resposta, porque não há um registo independente do encontro. Como sabemos que a Irmã Lúcia disse alguma coisa e não se limitou a “concordar” com uma resposta que já lhe tinham escrito – como foi o caso das 165 palavras do comentário teológico do Cardeal Ratzinger que Bertone incluiu como tendo saído da boca da Irmã Lúcia? Como sabemos que Lúcia não foi sujeita a pressões para dar a resposta que Bertone desejava? Terá acontecido, por exemplo, que lhe fizeram a mesma pergunta repetidas vezes até ela dar a resposta “certa”? Ter-lhe-ia sido sugerido que o Papa esperava pessoalmente que Lúcia concordasse com Sodano, como prova de fidelidade ao Pontificado? Teriam dito a Lúcia, freira de clausura sempre obediente, que tinha o dever de concordar com Sodano e com “o Papa”? Teria ela sido sujeita a pressões mais ou menos subtis, que se notariam se houvesse uma gravação em vídeo, sonora ou simplesmente uma transcrição que pudessem ser examinadas?

Que devemos ter dúvidas sobre o relato de Bertone é, afinal, confirmado pelo próprio Bertone. No seu livro a atacar Antonio Socci, publicado em Maio de 2007, Bertone dá a seguinte resposta à pergunta sobre se Lúcia “aceitou a interpretação” da visão do Cardeal Sodano: “Certamente, embora *não nestes termos*. Ela insistiu na força da oração e na sua certeza, firme como granito,

¹⁷⁶ *Mensagem*, p. 41.

de que os Corações de Jesus e Maria não podem ser surdos às nossas súplicas.”¹⁷⁷ Ora há uma diferença muito grande entre “confirmo inteiramente” (versão de 2001) e “não nestes termos” (versão de 2007)! A última frase quer dizer, na realidade, simplesmente *não*. Só por esta razão que seja, podemos rejeitar como indigno de confiança o que Bertone declara que Lúcia lhe disse em Novembro de 2001 sobre a “interpretação” da visão por Sodano, ou, de facto, sobre tudo o resto. Além disso, discutirei no Capítulo 8 como Bertone já deu, ao todo, *cinco versões diferentes* do que ele diz que Lúcia lhe disse sobre a interpretação de Sodano, assim como múltiplas versões de outras coisas que afirma que Lúcia lhe disse. Não é para admirar que nunca nos tivessem apresentado um registo independente do interrogatório que Bertone fez à vidente.

Omissões evidentes

Finalmente, parece que, durante a alegada conversa em Coimbra, Bertone *nunca fez uma só pergunta à Irmã Lúcia sobre a sua carta ao Papa*, referida pelo Padre Bianchi e por *Inside the Vatican*, nem sobre o seu encontro pessoal com o Padre Bianchi, durante o qual discutiram a “interpretação” que Sodano fez do Segredo. Além do mais, Bertone mais uma vez deixou de pedir à Irmã Lúcia que autenticasse a alegada “Carta de 8 de Novembro de 1989”, que, como vimos no capítulo anterior, era a *única prova* de Bertone a favor de a Irmã Lúcia ter “concordado” em como a consagração do mundo de 1984 era uma consagração da Rússia. Ora Bertone sabia que esta carta tinha sido atacada, imediatamente a seguir à conferência de imprensa de 26 de Junho de 2000, como obviamente falsa. Estas omissões evidentes só minam ainda mais a credibilidade da “entrevista”.

Além disso, como Socci anotou, o livro de 303 páginas que a Irmã Lúcia escreveu sobre a Mensagem de Fátima, *Apelos da Mensagem de Fátima*, publicado um mês antes da alegada entrevista, não diz nada sobre as dúvidas generalizadas que se tinham levantado sobre a revelação do Terceiro Segredo, embora Lúcia dissesse que tinha escrito o livro como “resposta e elucidação às *dúvidas e perguntas* que me têm sido dirigidas”, e o prefácio, do então Bispo de Leiria-Fátima, observa também que a Irmã Lúcia tinha pedido autorização à Santa Sé para escrever um livro, de

¹⁷⁷ Cardeal Tarcisio Bertone, *L'Ultima Veggente di Fatima* [“A Última Vidente de Fátima”] (Milão: Rai e Eri Rizzoli, 2007), p. 65 (daqui em diante, “A Última Vidente”).

modo a “não conseguindo responder individualmente a todas as pessoas... dar resposta, de forma global, às *múltiplas interpelações* recebidas”. É revelador notar que a Irmã Lúcia não respondeu à pergunta relacionada com Fátima que estava em primeiro lugar no pensamento de todos: O Terceiro Segredo foi revelado na sua totalidade? Como observou Socci, “É inevitável concluir que este pesado silêncio é muito eloquente, porque é uma escolha precisa: ela não queria confirmar aquilo que lhe fora atribuído.”¹⁷⁸

A conclusão de Socci: um desastre

Foi este o total do que Bertone atribuiu à Irmã Lúcia a respeito da controvérsia que o fez deslocar-se a Coimbra, durante uma conversa de duas horas de que não se fez um registo independente. Socci apresenta a única conclusão razoável: “As poucas palavras que lhe são atribuídas [...] são tais que carecem de credibilidade objectiva.”¹⁷⁹ No seu elegante modo de escrever, à italiana, Socci resume assim o impacto da alegada entrevista de 17 de Novembro de 2001: “A sensação com que ficamos desta ‘gestão’ da última testemunha de Fátima, deste dizer e contradizer eclesiástico é de uma certa ousadia e de versões sazonais e coloridas da verdade. Quase como se a opinião pública, os meios de comunicação e os fiéis não soubessem raciocinar criticamente e detectar as contradições e respostas evasivas.”¹⁸⁰ Em suma, a alegada entrevista foi, como Socci a definiu, “desastrosa”, porque “a partir da altura em que foi decidido fazê-la... tornou-se necessário responder total e seriamente às objecções e perguntas, não as evitando ou dando respostas claramente inconsistentes. Era necessário fazer tudo de forma convincente, incontestável, verificável por qualquer um, e acima de toda a suspeita. Não sendo assim, obter-se-ia o resultado contrário do que se pretendia: daria uma prova definitiva de que se estava a esconder algo de grave...”¹⁸¹

E foi exactamente isto que aconteceu. O “encontro com a Irmã Lúcia” em Novembro de 2001 deu um resultado ainda pior do que a conferência de imprensa de Junho de 2000. A entrevista “desastrosa” iria ser, de facto, uma razão da maior importância para a “conversão” de Antonio Socci à causa dos “Fatimistas”

¹⁷⁸ Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 126.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 125.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 127.

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 116.

em 2006, quando a incredulidade pública estava a atingir um nível ainda mais alto. Outra razão foi o depoimento de uma testemunha ocular viva, que se apresentaria naquele mesmo ano para confirmar que há, de facto, dois textos diferentes, embora relacionados, compreendendo o Terceiro Segredo de Fátima - um depoimento para que Socci iria chamar a atenção de todo o mundo.